

ping!

Percurso para os jardins com
Von Calhau!

**GINECEU
& ESTIGMA**

**GALERIA
MUNICIPAL
DO PORTO**

O programa **Gineceu & Estigma**, com epicentro nos Jardins do Palácio de Cristal, tem como objetivo dar a conhecer novas perspetivas sobre o universo da Botânica, recorrendo à criação artística e à investigação em questões de género, política e natureza.

Este programa engloba conferências, workshops e percursos interpretativos da botânica do jardim, concebidos por investigadores e artistas convidados, e articula-se através de dois temas:

Em **Ecopensamento**, parte-se de estudos ecocríticos para promover o debate sobre novas possibilidades de interdependência entre os domínios natural, social e político.

Em **Especulações Botânicas**, introduzem-se questões que têm sido levantadas por artistas sobre a ciência que se dedica ao estudo das plantas, tais como a nomenclatura científica atribuída às espécies e o reconhecimento do saber empírico e popular do seu poder curativo.

Nota ao visitante:

Devido a um temporal, previsto para a noite do dia 30 de outubro de 2021, não foi possível concretizar o Percurso. Resta a possibilidade de o realizar presencialmente ou virtualmente. Versão impressa disponível no balcão da GMP.

Texto e imagens por Von Calhau!

Von Calhau!

Criado em 2006 por Marta Ângela e João Alves, o coletivo Von Calhau! tem vindo a desenvolver um corpo de trabalho nas áreas da música e das artes visuais, com múltiplas ramificações e cruzamentos que se vão manifestando nos seus concertos e performances, na edição de discos, na realização de filmes e vídeos, numa profusa produção de desenhos e obra gráfica e nas suas publicações. A dupla cofundou o estúdio de artes gráficas Oficina Arara e já participou em exposições e residências em locais como o Atelier MTK (França), a Galeria ZDB e o Museu de Serralves (Portugal) e mais recentemente a Residency Unlimited (EUA).

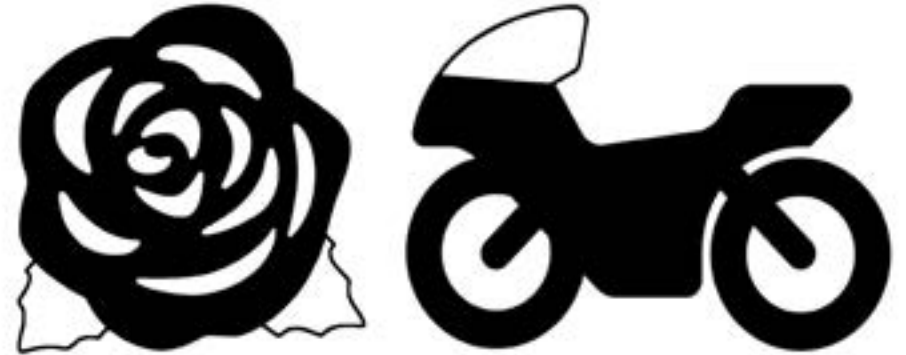


Fig.1) Rosa Mota (exemplo de enxertia - ano de 2074)

Em jeito de introdução, avia-se sinopse para uma possível visita guisada pelo Jardim do Palácio de Cristal. Sem lapso, a palavra guisada tenta afugentar conduções específicas de tipo enciclopédico em favor de construções de condições (digamos) mais confusas ou difíceis de explicar assim por dá cá aquela planta. Mais Panta Rei do que Rei Platão, portanto. A razão culinária é aqui por de menos evidente: partindo do pressuposto pouco razoável de que o enciclopédico seria uma tipologia de conhecimento mais perto do acto de cozer (o vaporoso e o pavoroso atraem-se, alguém dizia), o acto de guisar (não confundir com gozar) estaria, ao contrário, mais perto da pretendida confusão (sendo esta demonstração exemplo cristalino disso mesmo). Confusas? Passemos à explicação: no ano de 2021, nós, os Von Calhau, agora na primeira pessoa do plural, propomos uma visita guisada ao Jardim do Palácio de Cristal como se estivéssemos em 2121 para que sejam contadas algumas memórias dos últimos cem anos do jardim

(as suas plantas elementares e demais elementos não elementares). Tendo em conta que no exacto momento em que escrevemos esta confusa sinopse nada do que vai ser lembrado durante a visita aconteceu ainda, não temos muito mais a acrescentar. Simplesmente dizer que não sabemos do que se trata nem o que vai ser tratado na visita. E nisto estamos como tudo o resto (ou é para ir ao Oráculo?). Antes esperar para ver, ver para crer e crer para correr. Fugir a sete pés? Futurismos à parte trata-se de fazer turismo em modo kung-fu, fusão de confusão com king-kong, uma grande kungfusão. Na melhor das hipóteses sem canga. Na pior das hipóteses regressaremos a 2021 de mãos a abanar, que é como quem diz: boa sorte!

AMOSTRA O
RASO TOMA
MASO RATO
ROTA SOMA
MÃO ASTRO
AMO OSTRAS
MOTOR ASA
ARS MATO ORAS
ÀTOMO

0. Oráculo

Estamos em 2121. Há cem anos atrás um agente patogénico atacou este jardim, provocando a morte de todos os seres vivos que nele habitavam, por meio de um processo designado por cristalização. Um pouco antes, no século XX, o *modus operandi* deste agente e o processo de cristalização decorrente da sua acção, já tinham sido alvo de vários enquadramentos teóricos e descrições técnicas contundentes por parte de um investigador Inglês ligado ao campo da cirurgia plástica de nome James Graham Ballard, conhecido sobretudo por ter redigido um tratado científico intitulado *Crash*, onde fez o mapeamento exaustivo das zonas erógenas do automóvel. No livro *O Mundo de Cristal*, o investigador e autor descreve assim o processo de cristalização: "a vida como uma abóbada de vidros de muitas cores, tingida pela irradiação da eternidade"¹, afirmando páginas depois, com algum alarmismo, que este processo de cristalização dos seres vivos não era uma simples anedota científica, antes tratando-se de uma ameaça real, plausível de acontecer num futuro próximo. Bastaria para isso que o agente patogénico em causa encontrasse o habitat adequado para actuar. Não foi preciso esperar muito tempo para que chegasse ao Palácio de Cristal. E assim, nos anos vinte do século XXI o Jardim do Palácio de Cristal foi cristalizado, levando à morte de todos os seres vivos que nele habitavam. Uma das características do processo da cristalização, é a dos seres vivos, vítimas do processo, manterem a sua aparência viva, estando tecnicamente mortos. Como podem aliás constatar, observando com atenção o espaço envolvente. Reparem como todos os seres à vossa volta aparentam estar vivos, estando, no entanto, mortos. No processo de cristalização não há cadaverização.

A morte ocorre em micro-segundo, sem modificação ou alteração do aspecto. Vivo e morto equivalem-se, formalmente. Um dado histórico: depois de várias experiências falhadas, em 2074 cientistas conseguiram, pela primeira vez, criar uma espécie viva neste jardim. Por meio de uma enxertia entre uma Rosa (da espécie *Rosa agrestis*) e uma Mota (da espécie *Rosa motoris*) criaram a planta Rosa Mota (de nome científico *Rosa motoris*). Para além de ser a única espécie viva, Rosa Mota é também aquela com maior porte no jardim, como aliás podem observar, na calota esférica em forma de ouriço do mar, plantada à vossa frente. Tendo em conta o sucesso da experiência, partes da raiz de Rosa Mota foram plantadas em vários locais do jardim, dando origem no ano seguinte a várias subespécies de Rosa Mota, por via de variações genéticas anagramáticas consequentes dos processos de adaptação que cada planta sofreu especificamente, de acordo com os locais onde foram plantadas. Para além de Rosa Mota, contam-se hoje, ao todo, no jardim, dez plantas vivas. Cada uma das plantas é uma subespécie de Rosa Mota. E são essas dez plantas o fulcro da nossa visita. Faremos um percurso ao encontro de cada uma delas, em cada paragem observaremos atentamente as suas características, juntando-lhe uma descrição sumária, tão técnica quanto possível, de acordo com a taxonomia vigente.

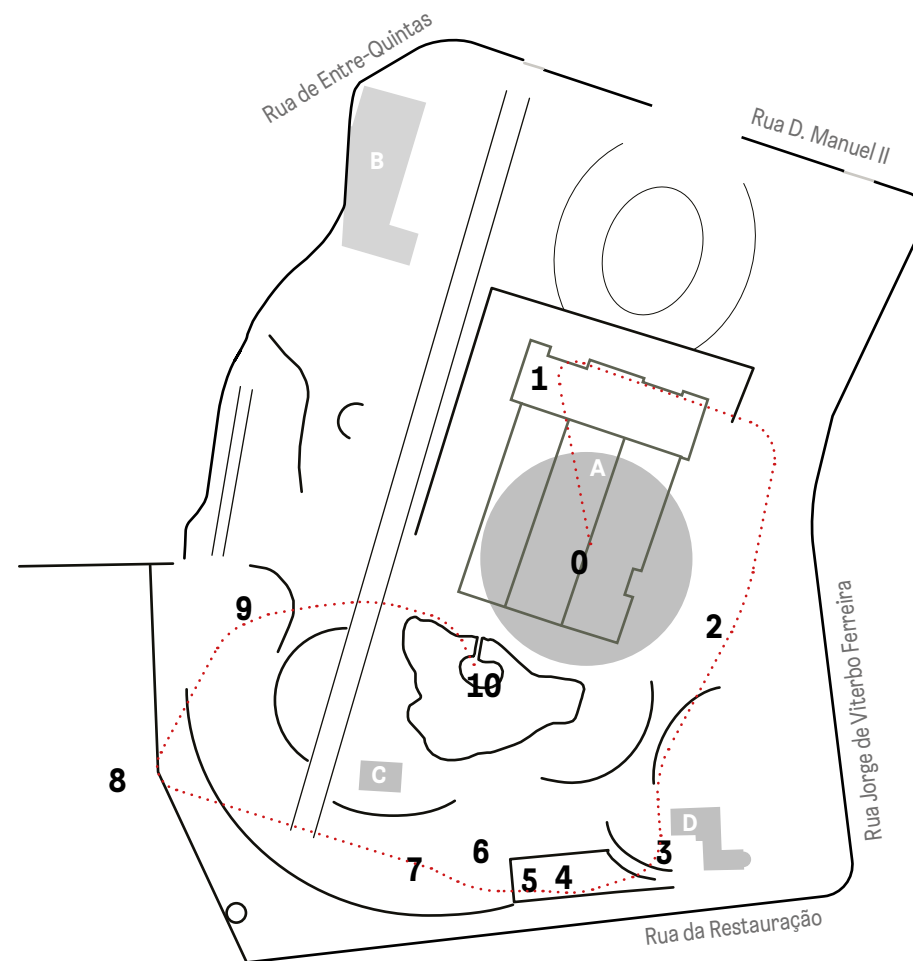
¹ Ballard J.G., *O Mundo de Cristal*, Editorial Caminho, Lisboa 1985, pág. 142

1. Rota Soma (*Rosa motoris varridus*)

Planta geralmente anã, ramificada desde a base, possui rizoma subterrâneo com motor 4V turbina de 3 furos e blindagem de cilindro varredor, por via de sistema

A Pavilhão Rosa Mota
B Galeria Municipal do Porto e Biblioteca Municipal Almeida Garrett

C Capela do Rei Carlos Alberto
D Casa do Roseiral



radicular caminhante em direcção ao tronco através de endosperma nutritivo cujo rompimento do rumo se faz por adição de várias parcelas em forma de abano ou leque afiadas por agulha obsoleta. Necessita de exposição solar abundante e anilha de enchimento em volta de caule danificado pelo fogo.

2. Maso Rato (*Rosa motoris cabessudus*)

Planta roedora jurássica tipo palmeirinha em mola de parafuso ralenti com porte arbustivo de pequenas dimensões, por vezes cosmopolita e sem flor. Tronco com focinho pontiagudo em tecido flexível constituído por cabeças de pão que

entretanto caíram, orelhas relativamente grandes, cauda comprida e escamosa que extrai prazer do sofrimento causado a si própria através de motor foguetão DKW de dois escapes dispostos em coroa pinada com folíolo duro, de tom encerado, sem nervura central, exibindo 2 a 4 dentinhos em cada margem do vedante.

3. Amo Ostra (*Rosa motoris ostrum*) 🔊

Árvore-cacta-perene ou planta padrão verde azulada, mais cinza à medida que se torna adulta. De florescimento nocturno único. Do tronco central saem várias vulvachefes comestíveis. A polinização é feita por morcegos. As auréolas são castanhas e arredondadas e as superiores têm pilosidade abundante. Delas nascem discos de embraiagem Ferodo em forma de espinhos longos e afiados, 6 deles desenham um círculo em forma de motor Honda Monocilíndrico a 4 tempos com prato de bobines completo a 34W de concha arredondada e pouco escavada que pode atingir cerca de 630 km/h de comprimento na caixa de velocidades, geralmente encontrado em casa do amo. Graças às suas propriedades absorventes, alguns estudos concluem que mitiga a poluição eletromagnética.

4. Atraso Om (*Rosa motoris amigdalus*) 🔊

Árvore de retardamento da raiz sonora de onde emana o universo, produtora de frutos drupáceos em mandorla de pistão a 5 velocidades 6,6 CV com semente oleaginosa cujo efeito de atrasar a vibração primordial é utilizado na culassa para turbina, da qual se extrai um óleo denso nasalizado para diversos fins (medicinais, cosméticos, etc.). É doce e amarga ao mesmo tempo. Pode atingir cerca de

duzentos km/h e apresenta ramificação ascendente, ritidoma escuro com gretas profundas de carreto duplo e folhas de veio primário, que surgem depois das flores, de cor branca e esfera de 7 mm, originando uma paisagem sub-desenvolvida, muito procurada pelo gérmen da demora no antiquário da natureza bélica pós-setembrista.

5. Mão Astro (*Rosa motoris verum*) 🔊

Árvore de porte médio com roda de embraiagem simples, 4 velocidades, entre 10 e 15 metros de altura, com folhas que podem medir até 150 centímetros cúbicos de forma ovado-oblonga na ponteira do escape. As flores, que ocorrem em inflorescência do tipo panículas, com coloração esverdeada, apresentam um odor distinto. O fruto é uma Casal Super Boss de motor M 109 monocilíndrico a 2 tempos, de coloração púrpura quando madura, contendo uma única semente. A especiaria obtida da parte interna da casca do tronco, com corações tatuados e outras escarificações de significado obscuro, é muito utilizada na haste de fixação da panela como condimento e aromatizante. O sabor e aroma intensos vêm do corpo celeste que se encontra na região terminal dos membros anteriores de onde se obtém uma substância analgésica semelhante à morfina.

6. Motor Asa (*Rosa motoris muvis* ou *Rosa motoris aer*) 🔊

Pequena árvore voadora. Calcula-se que pode atingir cerca de 300 km/h. Possui casca ligeiramente rugosa e copa grande na zona do selim. As folhas possuem veio de conta quilómetros com coloração mais ou menos verde, com uma leve pilosidade, o que as torna ásperas.

As flores são de tamanho reduzido na falange do carburador e cor branca de tom ligeiramente amarelado na tampa do carter esquerdo. Apresentam bujão de óleo com crescimento rápido, adaptando-se a qualquer tipo de solo, preferindo os húmidos e profundos. Apresenta pseudofrutos pendentes produtores de movimento na extensão lateral das pétalas, de coloração rubra tubular, contendo polpa mais ou menos comestível, conforme o grau de maturação do bicho da seda.

7. Mato Oras (*Rosa motoris orandi*) 🔊

Árvore robusta até 25 metros de altura, com cavilha de pressão enorme e abobadada no afinador do cabo. O seu fruto é usado pela medicina popular contra problemas de circulação de gasosseiva à saída do depósito. Ritidoma fissurado em grandes placas destacáveis. Folhas com 5-7 folíolos no pinhão da cambota. Folíolos obovados, acunheados na base do balander das mudanças, duplamente serrados, glabros por cima, tomentosos por baixo. Flores em panículos de motor turbo-alimentado com pós-arrefecimento e injeção electrónica retro-alimentada em forma cilíndrica ou cónica. Fruto espinhoso, globoso, com uma só semente arredondada ou com 2-3 frases simples achatadas por terreno inculto ligadas a frases complexas por coordenação ou subordinação, formando uma cobertura de anexos agrestes que repelem seres estimulados por fototaxia.

8. Ars Átomo (*Rosa motoris gloris*) 🔊

Planta enteógena de formato afunilado, abre-se pela manhã ao parafuso do colar, permitindo a polinização por chapas da mola do kick, borboletas de ar e outros insectos diurnos, mas também por

mariposas da família dos motores Zundapp ao anoitecer. A Ars Átomo dura uma única manhã e morre à tarde. No entanto uma nova Ars Átomo renasce todos os dias a partir da planta morta, eternizando o artifício lisérgico com efeitos sedativos e análogos ao LSD, apresentando-se como um exemplo particular na arte da indivisibilidade da matéria. Geralmente começa a murchar poucas horas antes das pétalas ondularem em forma de roda livre no torpedo por acção da turbina de alta velocidade. Prefere o sol durante o dia e o solo húmido à noite. Especula-se que em termos de cultivo, tanto pode ser tratada como planta perene nas regiões tropicais, como anual nos climas mais frios, pois tolera o frio habilidoso do inverno.

9. Amostra Ó (*Rosa motoris camonianus*) 🔊

Planta robusta em forma de orifício, semelhante a uma boca humanóide de onde saem pequenas quantidades líquidas de som por identificar, chamadas vulgarmente de líricas, centradas na unidade fonética Ó, cuja amplificação impossibilita qualquer possibilidade de sistematização técnica, remetendo assim a descrição cônica de si própria exclusivamente para si mesma, segundo a execução do seu código motorizado. Resta-nos ouvir o que Amostra Ó tem a dizer sobre si.

10. Raso Toma (*Rosa motoris decepadus*) 🔊

Planta rasteira com cerca de 15 cm de altura, de tronco decepado, sem folhas, sem flor e sem fruto, cuja forma se assemelha a uma pata de mamute, de cor antracite, com motor central hologramático que eterniza o acto ou efeito da planta se tornar nela própria, através de descrição que tem de si mesma.



Fig.2) Planta de Plantão; doença surgida no ano de 2079 que ataca de forma aleatória plantas imaginárias.

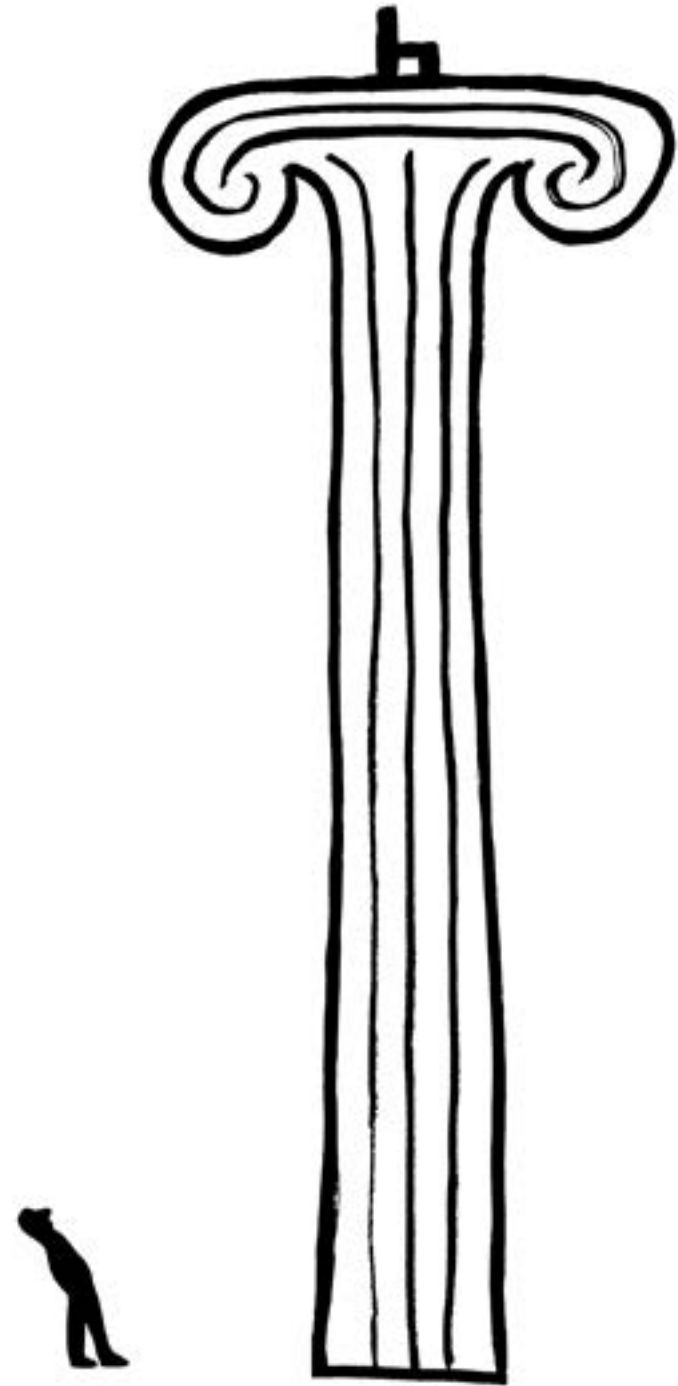


Fig.3) Que cadeira é aquela? h de humanidade, de humildade, de humildade ou simplesmente h de hã? (tropomorfismo?) Ou seria sempre outra hipótese?

ping!

Comissariado por

Guilherme Blanc
Juan Luis Toboso
Matilde Seabra

Coordenação geral

Matilde Seabra

Assistência à programação

Isabeli Santiago
e Rebecca Moradalizadeh

Mediação e visitas guiadas

Isabeli Santiago
Matilde Seabra
Rebecca Moradalizadeh

Produção

Patrícia Vaz

Edição e revisão da brochura

Lídia Queirós
e Beatriz Pinto

Design

Inês Bianchi

Galeria Municipal do Porto

Presidente

Rui Moreira

Curador Sénior

Juan Luis Toboso

Diretora Executiva

Sílvia Fernandes

Projeto Educativo

Matilde Seabra (Coord.)
Rebecca Moradalizadeh

Assistente de Curadoria

Isabeli Santiago

Coordenadora de Produção

Patrícia Vaz

Coordenador Técnico

Paulo Coelho

Comunicação

Tiago Dias dos Santos (Coord.)
Hernâni Baptista

Frente de Casa e Relações

Públicas

Patrícia Coelho

Assistente de sala

Rui Braga

Montagem e apoio à produção

Armando Amorim
Carlos Lopes
David Teixeira

Assistente Administrativa

Juliana Campos

**ÁGORA – CULTURA
E DESPORTO DO PORTO, E.M.**

**Presidente do Conselho
de Administração**

Catarina Araújo

Administradores Executivos

Ana Cláudia Almeida
César Navio

**Diretora Geral da Unidade
Orgânica da Cultura**

Francisca Carneiro Fernandes

**Diretor de Comunicação
e Imagem**

Jorge Rodrigues